

Noção de região e as vivências nos aldeamentos de Guairá (século XVI)

Concept of region for
the study of settlements missionaries

*Oseias Oliveira*¹
*Angélica Stachuk*²

RESUMO: O presente texto preocupa-se em realizar uma breve discussão sobre a possibilidade de pensar a noção de região como forma de interpretação histórica. Coloca-se em pauta as vivências dos aldeamentos em Guairá, no século XVI, as relações de poder e estratégias tecidas pelos jesuítas.

PALAVRAS-CHAVE: Aldeamentos. Espaço. Indígenas. Missionários. Região.

ABSTRACT: This paper is concerned to conduct a brief discussion on the possibility of thinking the notion of region as a form of historical interpretation. Puts on the agenda the experiences of settlements in Guaira, in the sixteenth century, the power relations and strategies woven by the Jesuits.

KEYWORDS: Space. Indigenous. Missionaries. Region.

Sobre a historiografia dos aldeamentos em Guairá

A região do Guairá, foi palco de muitos conflitos, sejam eles físicos ou espirituais e até historiográficos. A região que compreendia entre os rios Paranapanema (Norte), Iguazu (Sul) e Paraná (Oeste), correspondente ao atual estado do Paraná, era um espaço de ampla circulação de indígenas, essencialmente, das etnias Guarani e Kaingang, mas também da etnia Xokleng. Neste espaço, dominado pelo cacique Guairá, os jesuítas empreenderam um esforço de constituição de alguns aldeamentos missionários. . Adentrando, por Assunção, os padres da Companhia de Jesus, começaram a chamar esta região de Província Jesuítica do Guairá, e nela empreenderam a organização das populações indígenas em reduções (OLIVEIRA, 2013).

A construção de aldeamentos na Província Jesuítica do Guairá ocorreu nas primeiras décadas do século XVII. “Em 1611, veio a se incorporar à evangelização do Guairá, o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, o qual ao lado do padre Cataldini deu prosseguimento e alento à catequização na província do Guairá (OLIVEIRA, 2013, p.65).”

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). oseias50@yahoo.com.br.

² Mestranda, Programa de Pós-Graduação em História, UNICENTRO. angelicastachuk@gmail.com.

Assim, se sucedeu a política de aldeamentos, “desejosos de aumentar o rebanho do povo de Deus ou os cidadãos da sociedade moderna.” (CHAVI, 1998 pg.12), missionários partiram para as terras mais longínquas baseados em uma fé beligerante, que acreditava ser eminente o aumento do número de fiéis.

A crença na superioridade cristã diante dos nativos “degenerados” justificava a conquista: para mudar costumes e valores era necessário integrar os nativos à sociedade colonial. No Brasil, os diferentes tipos de trabalho compulsório dos índios, junto aos aldeamentos, expressavam os conflitos entre os projetos dos missionários e os dos colonos, pois envolviam, tanto distintas visões sobre os índios, quanto a disputa sobre a posse do seu trabalho, com a consequente consolidação desses respectivos projetos.

A institucionalização das ordens religiosas na colônia veio com a instalação de conventos, colégios e igrejas, proliferando a disseminação de símbolos religiosos, como cruzeiros e oratórios. Tais instalações possibilitaram a ação missionária junto aos aldeamentos indígenas. A constituição de aldeamentos teria em seu cerne um esforço de transformação espacial e espiritual, impondo uma nova visão e divisão de mundo, com implicações decisivas para a vida dos povos indígenas.

Uma das orientações nesses aldeamentos tinha como função os ensinamentos de dogmas do cristianismo fundamentado na catequização. O objetivo dessas missões era o de criar uma sociedade com os benefícios e qualidades da sociedade cristã europeia, isenta dos seus vícios e maldades, tirando dos indígenas os erros de suas crenças e barbaridades, suprindo suas necessidades temporais e seguirem as práticas da doutrina cristã. E isso, fazia todo o sentido para uma sociedade ibérica que vivenciava o contexto da reforma protestante e reclama transformações na Igreja Católica.

Sendo obrigados a recompor suas vidas e sua identidade dentro desse novo contexto, cada povo indígena reagiu a todos os contatos a partir de sua própria criatividade e dinamismo, surgindo dessa forma novos tipos de sociedade, entrecruzando a cultura indígena e a europeia. Cabe destacar que os aldeamentos não se constituíam somente como um espaço de conversão e civilização, mas como espaço de ressocialização de identidades, os indígenas de alguma forma mantinham suas tradições, seus significados, incorporando-os ao novo modelo imposto pelos inacionos. (GRUPIONI, 1998.)

Os aldeamentos passaram constituir em um espaço singular no mundo colonial, onde os valores, hábitos, práticas culturais indígenas são reordenadas com um novo sentido. Nesse processo ocorreu a reformulação das representações da compreensão da alteridade por ambas as partes. (GRUPIONI, 1998.)

Os aldeamentos estavam organizados e estruturados em um sistema hierárquico onde os inacianos buscavam alianças com as lideranças indígenas, de forma a aproveitar desse instrumento político para se aproximar e conhecer os elementos da cultura nativa e desenvolver as práticas e ações missionárias a partir do cotidiano dos mesmos, que teriam certamente respostas e resultados positivos. Pois, fazendo isso, os inacianos reconheciam o poder dos caciques e a importância desses para os demais integrantes do grupo, revestindo esse poder com elementos cristãos. Segundo Kern, a respeito da organização social nas reduções, havia “o recrutamento dos indivíduos para o desempenho dos papéis políticos, necessários para persistência da organização política e de seu funcionamento”(KERN, 1982. p. 37).

Ao mesmo tempo que as ações missionárias em Guairá objetivavam dar novos valores e sentidos, as práticas culturais ameríndias abriam espaço para a reinterpretação cultural. Estas adquiriam um duplo sentido ou significado e também aconteceu a adequação de alguns atos cotidianos como a liderança política nas reduções. Os jesuítas se encontravam em um constante processo de interpretação e readaptação no relacionamento com a cultura ameríndia.

Interiorização e reinterpretação cultural nos aldeamentos em Guairá

Diego de Torres Bolo em suas instruções aos inacianos de Guairá já salientava a importância dessa interpretação e adequação dos métodos missionários para se obter a conversão dos mesmos e atingir resultados satisfatórios. (OLIVEIRA, 2013).

Segundo ele os missionários que estavam na província de Guairá deveriam aprender a língua guarani, que se fazia de suma importância para compreensão dos indígenas (OLIVEIRA, 2013). A palavra na cultura guarani segundo Bartolomeu Meliá tinha um forte impacto no cotidiano desse grupo e “é em função da palavra inspirada que o guarani cresce em sua personalidade, prestígio e poder.” (MELIÁ, 1989, p. 39). O acesso a esses códigos

culturais permitia aos jesuítas o acesso aos costumes para posteriormente tentar modificá-los. Essa conquista da palavra guarani fez com que os inacianos criassem um espaço cultural singularizado.

O cotidiano nas reduções focava-se em doutrinar os índios. Incluía atividades religiosas que abrangia uma série de práticas cristãs católicas, como: batizados, confissões, matrimônios e catequese. O batismo era uma atividade essencial, assim como a catequização dos enfermos. Os jesuítas passavam a defender que os nativos não poderiam morrer sem conhecer o Evangelho. (OLIVEIRA, 2013.)

Ainda nesse cotidiano, os padres ensinavam que os nativos teriam que aderir a várias festas, envolvendo várias comemorações, típico hábito europeu, entre elas: os domingos, nos dias de Natal, dos Reis, da Circuncisão, do Espírito Santo, da Ressurreição, da Ascensão do Senhor, do Corpus, do nascimento de Nossa Senhora, da Anunciação, da Purificação da Virgem, da Anunciação de Nossa Senhora, de São Pedro, de São Paulo, Santo Inácio, São Miguel e do padroeiro ou padroeira da redução. (OLIVEIRA, 2013.)

Essas festas tinham um duplo sentido: um para os missionários e outro para os nativos. Os jesuítas acreditavam que incorporando essas festas com seu aspecto faustoso, magnificante, poderia representar uma forma de cristalizar as bases cristãs na mente dos indígenas (OLIVEIRA, 2013).

Como salientado, as festas faziam parte do cotidiano europeu, tinham um sentido próprio para a sociedade européia, e vão ser usadas com muita intensidade nas reduções em Guairá. As celebrações praticadas no interior das reduções representavam a forma como se davam as relações entre os costumes cristãos praticados pelos jesuítas e a cultura praticada pelos indígenas.

Com a realização de festas e celebrações os inacianos buscavam atrair os nativos, utilizando como meio elementos significativos das práticas culturais indígenas como danças, músicas, cantos, trabalho comunitário. Nesse espaço elementos cristãos e indígenas se mesclavam como danças, orações, santos, arcos triunfais, cruces. (OLIVEIRA, 2013).

Devido ao contato cultural entre esses dois grupos: missionários e indígenas o espaço na redução se constituiu em introduzir a simbologia cristã na cultura indígena, e essa readaptou colocando sentido na mesma de sua forma. Os jesuítas, desejosos de modificar e

corrigir, utilizaram de várias estratégias, não somente para manter o guarani na redução, mas para infiltrar nos mesmos uma consciência cristã ocidental.

Outro código cultural importante na cultura guarani era o sistema de doação. Os missionários sabendo do significado da doação para esse grupo, se utilizava dessa prática para se aproximar dos nativos. No início das reduções a primeira aproximação dava-se com alguns objetos como tesouras, roupas, facões, para atrair a atenção dos indígenas e sua doação e em função disso utilizavam a hospitalidade e reciprocidade guarani para realizar seu trabalho de contato e conversão ao cristianismo. O que se percebe é que os missionários deveriam conhecer os interesses indígenas, o significado característico do grupo, para assim usá-los em seu benefício. Utilizando esse meio para converter os nativos. O ato de doar esses objetos aos indígenas se constituía além de uma prática cristã, mas reinterpretava a cultura nativa. Esses objetos passavam a ter significados diferentes para a cultura ameríndia. (OLIVEIRA, 2013).

Os jesuítas acabavam sendo induzidos pela cultura guarani, aceitando e incorporando uma série de costumes nativos dentro da redução. Entre eles estava a alimentação, incluindo em seus cardápios alimentares, alimentos consumidos pelos ameríndios. A experiência do convívio com indígenas vai abrir espaço para o missionário conhecer as singularidades da vida indígena, reformulando suas estratégias de conversão. As reduções intercalavam o domínio do controle de poder visando controlar a totalidade da vida indígena, ou seja, a educação, a política, o lazer, sua organização familiar e todas as suas práticas cotidianas que eram próprias daquele grupo. As experiências missionárias nas reduções jesuíticas em Guairá adquiriram um status importante na cultura guarani.

Enquanto os jesuítas tinham um projeto de humanização e cristianização, os indígenas também tinham seus interesses, as vantagens que esse contato poderia trazer. A redução foi um espaço que entrelaçou interesses, que nem sempre caminhavam em mesma direção.

O conceito de região e suas especificidades na historiografia

Várias vertentes tiveram como cerne de suas discussões o conceito de região. Menciona-se os caminhos percorridos pela geografia, pela antropologia e pela história. O diálogo interdisciplinar propiciou um alargamento de fronteira desse conceito.

Por ser uma discussão ainda latente na ciência, a definição do conceito de região é uma tarefa árdua. Porém esse é um conceito fundamental para as diversas áreas do conhecimento, pois promove novas espacialidades e novas especialidades.

Milton Santos (1997) realizou uma longa discussão acerca do conceito de região na geografia. Para ele, a região se aproxima do local e está em divergência com o global.

Uma questão importante a destacar, antes de continuarmos a discussão acerca do conceito em pauta, é a diferenciação entre região e regionalização, trazida pelo geógrafo Haesbaert:

(...) Em primeiro lugar, admitimos que regionalização é um processo amplo, instrumento de análise para o geógrafo em sua busca dos recortes mais coerentes que dêem conta das diferenciações no espaço. Por outro lado, região, como conceito, envolve um rigor teórico que restringe seu significado, mas aprofunda seu poder explicativo; para defini-la devemos considerar problemáticas como a das escalas e fenômenos sociais mais específicos (como os regionalismos políticos e as identidades regionais) entre aqueles que produzem a diversidade geográfica do mundo. (HAESBAER, 1999, p. 17).

Assim, região e regionalização são diferentes, sendo que a regionalização é um conceito da geografia e se refere diretamente ao espaço territorial enquanto que região ultrapassa essa delimitação podendo ser usada como metodologia ou conceito por outras ciências.

Para Bourdieu, a região não é uma realidade natural, mas é estabelecida por um ato de vontade, um ato de poder, é antes de tudo, um espaço construído por uma gama de representações (BOURDIEU, 2002), passa a ser um recorte que pode ser não físico, territorial e sim, cultural, econômico, construindo novos alicerces para o conceito de região. Ainda na concepção desse mesmo autor o conceito de região não é somente patrimônio da geografia, mas das diversas ciências inclusive a história:

(...) princípio da divisão, acto mágico, quer dizer propriamente social (...) uma descontinuidade decisória na continuidade natural. (...) a região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que, por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de regionalização e movimentos regionalistas, economistas e sociólogos. (BOURDIEU, 2002, p.113).

Outra definição designada para o conceito de região é realizada por Fremont. Para ele, região se constitui em um espaço de reconhecimento coletivo, onde os atores criam laços culturais com outros atores e com o meio e assim mantém uma coesão simbólica, um espaço praticado. (FREMONT, 1980).

Um importante fator a ser considerado ao discutir a concepção de região é a noção de espaço. No interior das discussões de geógrafos a conceituação de espaço vinha acompanhada por uma forte concepção naturalista (LANGARO, 2009), considerado como um dado natural onde procediam os acontecimentos sociais, políticos, culturais e econômicos. O espaço não era concebido como obra da ação de sujeitos históricos. Mas era visto apenas como palco onde aconteciam os processos históricos.

A partir da década de 1970, as categorias espaciais começam a ser repensadas pelas ciências humanas. As referências de espaço passam a ser discutidas como construções humanas assumindo figurações diferentes de acordo com as culturas e a mentalidade de cada época, com práticas sociais específicas construindo seu próprio espaço. (LANGARO, 2009).

Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da História Regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica. O espaço regional, em importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar. (BARROS, 2004, p. 152).

Também, temos que considerar que: “a concepção de espaço pode ser compreendida como produto de práticas e representações, como construção cultural que se dá a partir das relações sociais de determinada sociedade.” (ALBUQUERQUE, 2008, p.59). O espaço se apresenta como elemento definidor das relações no tempo e “região como invenção humana que possui historicidade, como objeto de construção e desconstrução” (ALBUQUERQUE, 2008, p.63) e, ainda, como espaço vivido ou praticado.

Nos aldeamentos missionários as relações tecidas entre inacianos e indígenas caracterizam-na como um lugar onde eram projetadas suas vidas e também construídas suas identidades, sejam elas pessoais ou coletivas. Podemos observar que os inacianos passavam a

incorporar elementos de sua cultura com a indígena. E o mesmo acontecia com os indígenas, que incorporavam práticas dos jesuítas em sua cultura.

Os ameríndios respondiam as estratégias jesuíticas com táticas que se revelavam úteis na convivência com os missionários, de forma direta ou indireta, conforme as circunstâncias e possibilidades. Com essa atitude, os índios procuravam minimizar o impacto das modificações sobre suas práticas culturais introduzidas por meio da Missão. (CHARTIER, 1990).

A região, como diz Certeau (1994), é um espaço praticado. O autor ao discutir esse tema tem como foco pensar “as formas como as pessoas utilizam-se dos elementos que serviriam para controlá-los para ocuparem espaços sociais e neles imprimirem suas marcas.” (LANGARO, 2009, p.32). No pensamento de Certeau, existem dois conceitos fundamentais relacionados ao espaço: tática e a estratégia.

A tática é uma das maneiras que os indivíduos usam para o controle e a condução de suas atitudes, em meio a determinado lugar de poder, mas não conseguem mudar determinada realidade. O seu lugar é o lugar do outro:

Neste lugar, a “tática” surge de forma temporária, no “tempo certo”, que precisa observar para aproveitar as “ocasiões”, através de um jogo de astúcia que lhe permita utilizar-se de forças que lhe são estranhas. Advém daí que sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião. No terreno do outro ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro. É um combate que se dá no cotidiano através de diversas práticas e que não dispõe de base onde capitalizar seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. (CERTEAU, 1994, p.47).

Podemos considerar que os indígenas do espaço missionário moveram-se nesse terreno de prática, pois não possuíam nenhum outro espaço que lhe pudesse exercer poder sobre os inicianos. Os ameríndios respondiam com suas próprias apropriações e reelaborações míticas às tentativas dos jesuítas de adapta-los a estrutura cristã. Suas práticas culturais eram reconfiguradas e em certa medida os índios procuravam colocar-se em uma posição que os deixasse com uma margem de movimentos dentro do espaço colonial.

Nos aldeamentos missionários podemos citar as festas que projetavam coletivamente a representação indígena do mundo. Assim, a festa passou a ser algo diverso que o jesuíta

pensava obter, os indígenas projetavam nessas festas suas representações através das regras impostas. Suas devoções eram reelaboradas.

As estratégias seriam lugares de poder impondo regras a determinados indivíduos. Nessa perspectiva, os inacianos tinham objetivos claros em mudar as práticas e costumes dos ameríndios: catequizar, doutrinar, “preparar” para a sociedade vigente. “Como formação discursiva, o espaço é construído pelas diferentes formas como é planejado, usado e, enfim, praticado. (LANGARO, 2009, p.33).” Desse modo, o discurso usado para a construção de aldeamentos derivavam de visões de mundo que davam um sentido humanitário e religioso ao empreendimento colonial.

O terreno onde atuam as estratégias são locais que lhe são próprios, por essa razão, lhe dá a oportunidade de expansão e decisão de relações com o que lhe é exterior. A movimentação é calculada e permeada de intenções. Se me movimento em um espaço, onde exerço poder sobre outros, minhas ações em relação a eles podem ser caracterizadas como do tipo estratégica.

As estratégias são, portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. (CERTEAU, 1994, p.102).

Esse lugar de poder é relativo dependendo das relações sociais estabelecidas dentro de um espaço. No caso dos aldeamentos missionários no Guairá, nem sempre as ações dos inacianos podem ser caracterizadas como estratégias, pois eram submetidos ao poder dos governantes coloniais. Assim até mesmo os jesuítas se utilizavam de táticas como resposta as estratégias coloniais.

Desse modo, podemos analisar um emaranhado de atitudes de missionários e governantes, movendo ora do terreno de estratégia, ora nos das táticas, conforme o momento se mostrasse propício a uma ação ou outra. Apenas a Coroa Portuguesa se movia na totalidade do âmbito das estratégias, a fonte de onde emanava o poder sobre os demais.

Certeau desconstrói a noção de espaço como um dado físico delimitado geograficamente, mas coloca em pauta o mesmo como local de visibilidade a determinadas relações de poder. Nesse caso as categorias espaciais seriam construídas pelos sujeitos. E a

noção de região está inscrita nas relações de poder, no econômico no simbólico e é instituída historicamente.

Ao circunscrever discussões sobre o conceito de região, Bourdieu destaca o mesmo como uma “divisão de mundo social estabelecida por um ato de vontade.” (BOUDIEU, 1989, p. 47). Por trás da intenção de delimitar esse território existem critérios, nos quais se insere o alcance ou a eficácia do poder, determinado pelo autor da região. “Enquanto esse poder é reconhecido, a região por ele regida existe (BOURDIEU, 1989, p. 58). Sendo assim, região pode ser enfocada como um espaço construído, seja de ordem política, representativa e simbólica.

Os missionários tinham dois objetivos claros e sucintos: o de ensinar a religião e explorar o território. Por trás desse cenário se cruzavam interesses dos administradores coloniais, jesuítas e dos indígenas, durante o processo de colonização.

Enfatizando a noção de região nessa perspectiva a mesma não representaria a realidade em sua totalidade, mas de forma sublime seria uma representação simbólica incorporada pelos membros do grupo. Segundo Fremont “só existe um fenômeno, aquilo que conseguimos construir na nossa linguagem.” (FREMONT, 1980, p.43).

Considerações finais

A análise aqui construída alicerçada nos dados apresentados demonstra que é possível trabalhar com a noção de região como perspectiva de abordagem metodológica dentro do campo da história.

O conceito de região continua a ser elaborado através da contribuição das diversas ciências, tais como a antropologia, a sociologia, a geografia e a história, esse conceito se mantém em construção e é cada vez mais enriquecido com as contribuições dos pesquisadores que buscam este enfoque.

Assim como qualquer conceito que se constrói ao longo do processo e evolução histórica de uma ciência passa por um processo inicial de significação e segue constantes ressignificações em busca da adaptação necessária aos novos tempos, às novas abordagens e ao movimento de transformação.

Dentro dos aldeamentos missionários em Guairá, índios e jesuítas são participantes históricos ativos nas configurações que se teciam ao seu redor, não reduzindo os ameríndios a bárbaros ou bons selvagens, nem missionários a mártires ou exploradores de mão-de-obra.

Como enfocado, o aldeamento pode ser considerado como um “espaço de poder” onde interesses se cruzam. As táticas passam ser utilizadas pelos indígenas que reelaboram suas práticas, devoções, costumes. Os inicianos ora se viam no terreno das estratégias e táticas.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.10, n. 17, p.55-67, jan/jun. 2008.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: vozes. 1994

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

FREMONT, Armand. **Região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Índios no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Global; Brasília: Mec, 1998.

HAESBAERT, R. Região, diversidade territorial e globalização. In: **Geographia**. Ano I, no. 1. 1999. p. 15-39. (Revista Eletrônica).

INSTITUTO, Antônio Houaiss. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

KERN, Arno Álvares. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LANGARO, Jiani Fernando. Espaço, Região e História Social. **Revista Percorso-NEMO**. Maringá, v. 1, n. 1, p. 23-48, 2009.

MELIÀ, Bartolomeu. A experiência religiosa guarani. IN: MARZAL, Manuel (coord.). **O rosto índio de Deus**. Tomo I; Série VII – Desafios da Religião do Povo; Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Vozes, 1989.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

OLIVEIRA, Oseias de. **Reinterpretação Cultural nas Missões: A conversão de índios e missionários no Guairá**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

Artigo recebido em 12 de setembro de 2014. Aprovado em 19 de julho de 2016.